

HISTÓRIA AMBIENTAL (1930-85)

Marcos Gerhardt

No Rio Grande do Sul, nas últimas décadas, aconteceram importantes mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais vinculadas ao meio ambiente que precisam ser explicadas e entendidas a partir de pesquisas já realizadas e de muitos outros estudos que ainda deverão ser feitos. Isso significa ampliar e completar a compreensão da história recente do Rio Grande do Sul, incluindo a abordagem socioambiental, o que se torna cada vez mais relevante às sociedades contemporâneas.¹

A partir do início do século XIX, o Rio Grande do Sul teve um grande aumento populacional produzido pela imigração de europeus às colônias fundadas, especialmente, na região de Matos da Serra e do Planalto, predominando a floresta estacional decidual, conforme classificou a Botânica e adotado pelo projeto RADAMBRASIL. Nessas colônias, parte do mato foi removida pelo trabalho humano com o uso do machado e do fogo e, nas terras férteis das roças novas, desenvolveu-se uma agricultura destinada à subsistência e ao abaste-

¹ Tenta-se dar aqui uma visão panorâmica, que apresenta carências evidentes, resultantes da trajetória ainda inicial da história ambiental no sul do país. As transformações ambientais produzidas pela introdução de novas tecnologias de produção e pela concentração urbana e industrial no Rio Grande do Sul, a intensificação do papel do Estado e do governo como reguladores do acesso aos bens naturais, a criação e a atuação de grupos e organizações ambientalistas e as mudanças nas concepções humanas sobre a natureza, estes são os principais temas que se pretende abordar. Há muitos outros temas que merecem atenção e pesquisa, como a história das secas, das enchentes e da drenagem de banhados no sul do Brasil.



*Volume 4
República
(1930-1985)*

*XXI.
História ambiental
(1930-85)*

cimento do mercado interno, que utilizava trabalho familiar e ferramentas manuais. Na época, diversas espécies animais – a anta, a onça pintada, o veado, o tamanduá – tiveram sua população drasticamente reduzida, mortas em caçadas, eliminadas porque eram consideradas perigosas, ou tiveram sua reprodução e manutenção inviabilizadas pelas mudanças ambientais. Na compreensão da época, eliminar os animais indesejados, substituir o mato por lavouras, pomares, estradas e vilas significava, além da necessidade dos colonos, o progresso, a vitória do trabalho humano, o triunfo da ciência e da tecnologia sobre a natureza. São inúmeras as fotografias, retratando diferentes partes do norte do Rio Grande do Sul, onde pessoas aparecem sobre grossos troncos de árvores derrubadas, numa postura que pode ser interpretada como de orgulho pelo trabalho realizado, a civilização de um ambiente intocado e improdutivo. Conforme dados do Projeto RADAMBRASIL, cerca de 26,6% da área do Rio Grande do Sul era coberta de vegetação florestal antes da intensa ação humana, a partir do século XIX, devastou 90% dessa área (GERHARDT, 2002; BERNARDES, 1997; Projeto RADAMBRASIL, 1982, p. 543-547).

Embora a agricultura colonial utilizasse ferramentas simples para cultivo da terra e criação de bovinos, suínos e aves, o combate às numerosas e resistentes formigas cortadeiras de folhas, do gênero *Atta*, era feito com formicidas de grande toxicidade que, em geral, continham arsênico. Os jornais *Die Serra-Post* e *Correio Serrano*, que circularam no nordeste do estado desde o início do século XX, continham repetidos anúncios de formicidas disponíveis aos colonos no comércio local. Ainda está muito presente na memória dos colonos o trabalho de *cachimbar formiga*, ou seja, de injetar nas galerias e ninhos subterrâneos a fumaça tóxica, usando rústicas máquinas de fole. Outro inseto que, periodicamente, disputava alimento com os colonos era o gafanhoto (*Schistocerca cancellata* ou *Schistocerca paranensis*). Em grandes enxames migratórios, especialmente nos anos de 1915, 20 e 48, chegavam ao Rio Grande do Sul a partir da Argentina e do Paraguai, e alimentavam-se de plantas cultivadas, devastando grandes áreas. A partir da década de 40, os agricultores passaram a combater esse inseto com o pó-de-gafanhoto, um inseticida fabricado com BHC (benzeno hexaclorado), extremamente tóxico e prejudicial a outras espécies animais, que foi posteriormente proibido. Ao lado da agricultura, desenvolveu-se ao norte do estado intenso comércio e uma indústria de madeiras, que atendiam tanto ao mercado interno quanto às demandas de exportação. Esse modelo de agricultura colonial entrou em crise du-

